

À ESPERA DO FIM

Ângelo Fernandes

geral@angelofernandes.com

OBRA REGISTADA NA SPA

EDIÇÃO NÃO REVISTA

“Porque a vida passou antes que pudéssemos viver”

Victor Hugo

PRÓLOGO

Todos os dias penso em matar-me. Sempre que espero pelo comboio, afastado de todos, penso na facilidade em atirar-me para a frente da carruagem e acabar com a minha vaga existência. Assim, aparentemente do nada.

Sei que, se saltasse, o maquinista não teria oportunidade de travar a tempo, a reacção normal seria suficiente para trucidar o meu corpo. Acredito também que, se me conhecesse, não faria o mínimo gesto para parar; deixaria a máquina deslizar terminando comigo. Seria um acto misericordioso da sua parte.

Idealizo este cenário incessantemente, imaginando ao pormenor como seria, até ao fim. Ali, no exacto momento em que o observo a surgir do túnel, calculo quão fácil seria. Um salto apenas e a minha vida estaria resolvida.

Todos os dias a oportunidade surge, porém não sigo em frente. O peso que sinto na consciência é enorme. Estranhamente, nestes momentos, não me lembro de Rui ou Fernanda, as únicas pessoas com quem me preocupo, nem sequer nos idosos do lar onde faço voluntariado; é em Maria de Lurdes, minha mãe, e nas fiéis seguidoras que a minha mente se prende. É algo sem sentido, mas não consigo controlar. Prevejo-as com ar de desdém e menosprezo por mim, por toda a situação. No seu egocêntrico ponto de vista seria um *complot* contra si, não fariam um esforço sequer para compreenderem a razão pela qual me levasse a cometer tal feito. Pensariam só como lhes tinha falhado, como estava a sujar o nome da família. No fundo, sem nunca confessarem a alguém, ficariam eternamente agradecidas, seria menos um encargo a suportar, um peso e uma fonte de problemas na vida. Não teriam de se justificar mais às vizinhas, às abelhudas, porque vivo tão insosso sem uma mulher ao lado. Iriam sim apreciar a ribalta do luto. Ao vestirem o traje negro, estariam no palco do bairro, seriam o alvo de todas as atenções como sempre desejaram. Mesmo por uma aparente tragédia, sobre a qual não tinham nenhum poder, segundo diriam pesarosas, lamentar-se-iam bradando dramaticamente quanto me amavam.

E é por elas, por uma mãe castradora e um conjunto de filhas, discípulas cegas dessa esterilização dirigida exclusivamente a mim, que não salto. Apesar de estar farto, de não conseguir respirar no meio das suas teias, não posso viver comigo, mesmo morto, com o peso de fracassar sobre as expectativas que projectam em mim.

Assim sou eu, João, 33 anos, solteiro e à espera do fim.

PRIMEIRA PARTE

1

“Mickey Mouse has grown up a cow”

David Bowie

Tenho uma chamada não atendida de Marta. Ligou-me durante as aulas, tinha o telemóvel no silêncio e não ouvi. Não faço a mínima ideia do que queira conversar comigo. Fico perplexo só pela ideia. Penso que foi um equívoco, enganou-se no nome da pessoa ou queria ligar para outro João. Não vejo o interesse em contactar-me. As últimas vezes que estivemos juntos não foram propriamente amigáveis, não depois de a ter apanhado com outra na nossa cama.

Namorámos sete anos, o que é bastante. No entanto, esse tempo, após acabarmos, não significa rigorosamente nada. A forma como agiu posteriormente derrubou por terra qualquer memória que ainda pudesse ser afectuosa. Conhecemo-nos na recepção dos caloiros. Tal como Fernanda, a minha irmã super lésbica e peremptória, Marta não estava para tolerar qualquer tipo de rebaixamento e depreciação perante os veteranos de curso, envolvendo-se em alterações exaltadas com os organizadores do acolhimento. Não permitiu um único risco na cara ou orelhas de burro na cabeça, aliás não tolerou que lhe fizessem o quer que fosse.

A minha turma estava reunida no campus. Vinte e nove raparigas e um rapaz, eu. Parece o fado da minha vida, estar, para todo sempre, rodeado de mulheres com as quais não tenho qualquer tipo de vivência afectiva significativa ou mesmo sexual. Estávamos ajoelhados a gritar bem alto que éramos uma cambada de porcos, suínos, recos, porcinos e todos os sinónimos, mais ou menos evidentes, para porco. Marta vinha furiosa da desavença final na qual deliberara abster-se de todo o tipo de actividades, inclusive do tribunal do caloiro. Passou por nós e, no quente da situação, atacou verbalmente as cinco tipas que nos praxavam. Foi a primeira vez que a vi e se tivesse observado realmente o seu comportamento, teria notado mais do que uma fulana indignada, teria constatado uma poderosa pretensa a lésbica. Mas não vi. Não vi nada durante os sete anos de namoro.

No meio de tanta berraria, acusou-as de tudo num discurso livre, repleto de idealismos de extrema-esquerda. A dado momento virou-se para nós e instigou-nos a reagirmos também. Limitei-me a baixar

mais a cabeça como se ma fossem decapitar. Não pretendia ajustes de contas tardios nem queria figurar, nos próximos anos de curso, como o cobarde que se recusara a ser iniciado. Não queria, como não conseguia.

- Não tens tomates? As tuas colegas têm mais tomates que tu.

Foi a primeira coisa que me disse. Olhei para o lado e reparei, era o único de joelhos e cabeça descaída. Tinham ido todas embora, todas. Umhas impulsionadas por Marta, outras porque lhes tinha estragado a praxe. Levantei-me devagar e segui caminho, impreciso. Foi então que pegou na minha mão e disse para irmos.

- Vamos embora, vamos lá para baixo para longe desta merda toda.

Fomos para os bares universitários beber até à exaustão. Nunca aguentara bem o álcool e à terceira ou quarta imperial já estava tocado. Marta precisou, pelo menos, de umas oito. Pequenos indícios que sempre ignorei. Continuámos a sorver e nessa noite iniciámos a nossa relação. A nossa lastimável relação.

Hoje, ao olhar para a chamada não atendida, fico sem saber o que poderá querer de mim. A vontade em voltar a falar consigo é nula, não tenho desejo algum de ouvir sequer a sua voz. Deverá ter adquirido um tom mais grave agora que é uma lésbica assumida feliz da vida. 5

Guardo o telemóvel no bolso. Desejo ter sido realmente engano.

Mais tarde, já em casa, o telefone volta a tocar. Pego nele e vejo o nome dela. Duas vezes no mesmo dia não é engano, é no mínimo uma infeliz coincidência. Não evito de sentir uma certa agitação. Mesmo que confesse estar tudo está bem entre nós e que somos amigos, é mentira. Detesto-a profundamente, melhor seria se tivesse morrido. Se fosse esse o verdadeiro motivo da nossa separação, teria uma defesa inabalável para o meu actual estado. Por sua culpa voltei à estaca zero perante o olhar recriminador da minha família. Para todos sou um solteirão correndo o risco de ficar sozinho até ao final, sem esperar nada da vida. Têm razão e tal não me incomoda a não ser nos encontros familiares com as minhas cinco irmãs e mãe. O ex libris da castração feminina.

O telemóvel continua a tocar. Atendo num gesto automático. Não digo nada, fico à espera que inicie a conversa. Atitudes de quem tem assuntos mal resolvidos mas que falseia o oposto. A conversa principia com um simples olá, como estás, que tens feito e todas as perguntas de circunstância habituais. A minha única vontade é chamá-la de puta, depois fufa, fussoreira, camiona e mais todos os nomes pejorativos para lésbicas. É uma atitude bem vulgar mas seria a única forma de me sentir melhor. No entanto não sou

capaz de o fazer e acabo por responder com uma franqueza pouco comum. Estou na mesma, tenho feito o mesmo de sempre, sim, continuo solteiro.

- Preciso de falar contigo – atalha directamente para a razão pela qual ligou.

- Passa-se alguma coisa? – apesar de tudo não sou capaz de lhe negar nada.

- É sobre um projecto meu, um livro, queria conversar contigo antes de publicá-lo.

O tom reticente, nada habitual em Marta, fez-me entender que algo nada bom se passava. Não era imprescindível conversar comigo antes de o editar, a não ser que me desejasse a assinar o prefácio, o que duvido sinceramente.

Lembro-me então das suas ideias pretéritas. Desde que começámos a namorar, sobretudo depois de ter conhecido a minha família, sempre afirmara que seria o personagem perfeito para um filme ou para um livro. Eu era, segundo dizia, uma figura rica em idiossincrasias num contexto familiar digno de uma inteligente comédia negra. A certo ponto, declarou convicta, seria ela a autora, pois tinha um conhecimento de causa para discursar livremente sobre mim. Ingénua, anuífa às suas fantasias. Acabava por ser uma forma de me sentir especial. Era a minha namorada, que outra resposta havia ter dado? Hoje compreendo claramente, devia ter dito não. 6

- Então? – pergunto desconfiado.

- O melhor é conversarmos pessoalmente. Como queres combinar?

- Não tenho nada combinado para hoje. – digo imparcial.

Combinamos meia hora mais tarde no café de esquina do meu bairro, uma ideia um tanto perigosa tendo em conta o número abusivo de beatas por metro quadrado.

Encontro-me sentado numa mesa a um canto, bebo uma coca-cola light enquanto termino o *sudoku*. Não aprecio particularmente este jogo, mas o descubra as diferenças já estava feito e as palavras cruzadas também. A pouca distância encontra-se o esquadrão vigilante, quatro velhas reformadas, viúvas ou quase viúvas, a pôr em dia a trica do bairro. A sua vida resume-se a isto, a uma troca infundável de informação baseada em boatos. Aqui, ou à janela da múmia do rés-do-chão, actualizam tudo e averigam a autenticidade do que sabem. Há uma construção de saberes locais inacabável que lhes dá alento até ao final das vidas. Neste momento sou o foco de atenção. O que fará o filho de Maria de Lurdes sozinho no café à noite? Deve estar à espera de alguma. Quando virem Marta, a imaginação fértil alimentará mil e uma possibilidades do porquê do nosso encontro. Enfim.

Pelo som dos passos decididos, apercebo-me de que é ela. Olho para trás e admiro-me verdadeiramente. Está mais feminina do que quando namorávamos. Isto é contraditório. Acreditava que as lésbicas, após assumirem-se, tinham uma tendência quase nata para corresponderem ao estereótipo social, a mulher máscula com um corte de cabelo curto, camisa de flanela aos quadrados e enchumaços nos ombros. Não todas, Fernanda não é, mas da sua companheira já não posso garantir o mesmo. Desta forma deixam de ter algo a esconder e afirmam-no pela aparência. Tal como o negro não pode dissimular a cor, a lésbica fabrica, por si mesma, uma aparência auto-explicativa, deixando pouco por descobrir. Nessa perspectiva, Marta é contracorrente. Quando a conheci só usava calças e era incapaz de se maquilhar. Parecia alérgica, mas hoje comparece de saia, maquilhada e cabelo longo. Sorri feliz, um sorriso repugnante. Diz-me olá, dá-me dois beijos, dispensáveis, e senta-se na cadeira ao lado. A sua presença incomoda-me mais agora do que antes. Sempre esperei que fosse mais feminina, mas respeitava as *ditas* preferências de estilo. Anos depois de acabarmos, surge-me toda produzida; a prova exacta do que podia ter tido mas que nunca foi meu. Agora que é realmente o que eu ambicionava, não será certamente para mim.

- Não tens vergonha? – começo – Nunca quiseste vestir-te assim quando namorávamos e agora apareces-me desta forma. Queres o quê? Humilhar-me mais do já fizeste? 7

Do nada prego-lhe dois estalos, agarro-a pelos cabelos e bato fortemente com a cara na mesa. Várias vezes até perder as forças. O sangue marcado no branco do tampo, e os dentes que lá ficam, revelam ter batido com a força certa. Sorrio com prazer, a satisfação dentro de mim é imensa. Precisava de fazer isto, precisava mesmo, mas tal não passa de um desejo profundo o qual não consigo satisfazer.

- Que tens para me contar? – sondo, recalçando os meus verdadeiros intentos.

Marta recorda-me o sonho de ser uma escritora de sucesso, preferencialmente. Relembra-me também a sua convicção de eu ser a fonte ideal para um personagem e, a sangue frio, mostra-me o livro. A capa tem um armário antigo. Está entreaberto e, dessa frecha, uma perna feminina, de salto alto, sai do interior. O título em letras garrafais, por cima, anuncia *Sair do Armário – confissões de uma lésbica quase casada*. Engulo a seco. Fico sem reacção. Não consigo adivinhar por completo o conteúdo do livro mas não será bom, especialmente para mim. A palavra *confissões* tem um peso maior do que devia ter. Considerando as opções literárias, registadas nos tops de vendas, *confissões* revela conter os segredos mais íntimos e secretos que a mente humana consegue engendrar. Marta apercebe-se da minha não reacção e toma a palavra.

- Tenho uma amiga que trabalha numa editora e propôs que passasse para a escrita a minha experiência enquanto lésbica. – faz uma pausa delatora – Claro que só tem sentido se fizer um desenho real do que foi a minha vida até me assumir publicamente e, como sabes, foram sete anos que passei contigo. Seria impossível omiti-los.

Sinto um murro no estômago. Que terá escrito Marta? Olho para o lado e vejo as velhas à escuta. Volto a engolir a seco. No que me vim meter. Imaginar a nossa vida sexual patente para qualquer ser deste mundo, é algo que, para mim, justifica moralmente o suicídio. Não consigo imaginar as minhas irmãs e mãe a lerem a desgraça da nossa intimidade. Durante os sete anos nunca fez uma única felação. Tinha nojo, afirmava, incomodava-a colocar o meu sexo na boca, sentir a textura e o cheiro. Experimentou algumas vezes mas terminava no quarto de banho a vomitar. Na altura compreendia, ou melhor, tentava. Tinha algum problema, julgava. No entanto, apesar de entender a sua aversão, isso não impediu de transferir a questão para mim. Comecei a interrogar-me sobre tudo. Talvez não me lavasse o suficiente ou estava a ser demasiado lascivo nos pedidos. Não fazia a mínima ideia da verdadeira razão. Quanto ao sexo em si, restringia-se à posição de missionário, sempre de luz apagada sem qualquer som da sua parte. 8

Um silêncio cerrado interrompido apenas para perguntar se tinha terminado. Um autêntico cataclismo. Nunca teve um único orgasmo comigo. Garantiu-me numa das últimas discussões, nas quais só queremos magoar o ex amante, num processo de invalidação total da relação vivida. O único orgasmo que a vi a ter foi com outra mulher. Um dia, vindo do trabalho, ainda antes de entrar em casa, ouvi-a a gritar. Pensei, talvez estivessem a assaltar a casa ou mesmo a violá-la. Não reflecti, pus as chaves na fechadura, abri a porta e segui de imediato até ao quarto, de onde vinha aquela gritaria agonizante, para encontrá-la na cama com outra tipa. Ambas numa sessão concupiscente sem precedentes. O prazer era tanto, nem se apercebeu da minha presença. Fiquei estarecido, todas as dúvidas e incertezas estavam a ser respondidas à medida que a outra lhe introduzia a língua na vagina e Marta se contorcia visceralmente. Nunca julguei capaz de atingir tal prazer, não fui sequer capaz de interromper o acto. No fundo quis ficar com a recordação de como era Marta a ter um orgasmo. Comigo nunca se dera ao trabalho para fingir sequer. As duas só repararam em mim após o clímax, depois disso o cenário é fácil de imaginar.

Ao recordar esta vergonha, não consigo conceber porque esteja isso registado em livro. Imagino-o já em nas livrarias, com as citações mais provocadoras a figurar nas promoções, “nunca me viera com ele” ou “o seu sexo enojava-me e vomitava sempre que tentava uma felação”. O meu único desejo é de rasgar

todos os exemplares, queimá-los e atirá-la para dentro do fogo. Não compreendo a necessidade de avivar algo que já morreu.

- Usei um nome fictício para ti, no livro chamas-te Daniel – acrescenta para tentar acalmar-me.

Claro, as pessoas são estúpidas, não relacionarão nunca que o Daniel, que viveu sete anos com Marta, não será o João que, por acaso, também viveu o mesmo número de anos e na mesma altura com a própria. Que arдил inteligente.

- Achas que isso interessa? Nunca pensaste no que iria achar? Tu não vieste pedir-me autorização, já tens a porra do livro impresso e pronto para ser lido. Vieste porque tens remorsos por tal cobardia. Por seres uma reles ordinária que quer subir na vida à conta das desgraças dos outros. Tu enjoas-me e espero que morras sozinha – assevero enquanto lhe cuspo na cara e jogo a mesa pelo ar.

- Já tens o livro impresso, que posso eu fazer? Boa sorte. – desejo indiferente.

Levanto-me e vou embora. Marta tenta dizer-me qualquer coisa, mas ignoro-a. Creio que me pedia para ficar para conversarmos mais um pouco. Era a última coisa que precisava. Enquanto saio, imagino-a chorar e a pedir-me desculpa.

9

Na rua, pouco depois do café, vejo a outra dentro do carro à espera. Por momentos entreolhamo-nos, aceno-lhe cordialmente com um sorriso afável. Fica sem saber como reagir mas acaba por gesticular também. Finjo não reparar e continuo até casa. Entro e sento-me no sofá. Ligo a televisão num canal aleatório. Apanho uma série de médicos onde tudo corre bem e qualquer problema, se existir, é resolvido até ao final do episódio. Tudo num curto espaço de trinta minutos. Estas séries deprimem-me mas não evito de as ver. Todos têm vidas de sonho e uma vida sexual de invejar. Fico a assistir até me deixar dormir.